

QUANDO HAVIA LOBOS



Charlotte McConaghy



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022



1

Quando tínhamos 8 anos, papai me cortou da garganta à barriga. Sua oficina ficava em uma floresta nos confins da Colúmbia Britânica, empoeirada e emanando o odor fétido de sangue. As peles dependuradas para secar roçavam em nossas testas ao passarmos por baixo. Eu tremia, enquanto Aggie sorria diabolicamente à minha frente, muito mais corajosa do que eu. Após verões desejando saber o que acontecia naquele galpão, de repente, eu me sentia desesperada para sair dali.

Papai pegou um coelho e, embora nos deixasse acompanhá-lo em caçadas na floresta, nunca nos demonstrou o ato de matar.

Aggie estava ansiosa e, em sua afobação, chutou um barril de salmoura, emitindo um baque profundo, que também senti no meu pé. Papai levantou as sobrancelhas e suspirou.

— Vocês realmente querem ver?

Aggie aquiesceu.

— Estão preparadas?

Ela assentiu de novo.

Eu podia ver o coelho peludo e todas as facas. O animal não se mexia; já estava morto.

— Então se aproximem.

Ficamos ao lado de papai, nossos olhos um pouco acima da bancada, espreitando. Daqui, eu podia enxergar todos os tons sutis da pelagem, fios castanho-avermelhados e laranja-escuros, creme, cinza, brancos e pretos. Um caleidoscópio de cores, tudo projetado, suponho, para camuflá-lo e evitar aquele fatídico destino. Pobre coelho.

— Vocês entendem por que estou fazendo isso? — perguntou papai.

Nós duas assentimos.

— Por uma vida de subsistência — afirmou Aggie.

— E o que isso significa, Inti?

— Caçar apenas o que precisamos e retribuir à natureza, cultivar alimentos, viver da maneira mais autossuficiente possível — respondi.

— Muito bem. Então, vamos mostrar nosso respeito por essa criatura e agradecê-la por garantir nosso sustento.

— Obrigada — proclamamos Aggie e eu.

Tive a sensação de que o coelho pouco se importava com nossa gratidão. Silenciosamente, prestei um melancólico pedido de desculpas. Mas, durante todo o tempo, eu sentia um incômodo na minha barriga, bem no fundo. Eu queria sair dali. Aquele era o território de papai, as peles, as facas, o sangue, o cheiro que o impregnava. Sempre fora seu território, e eu preferia que continuasse assim. Este momento me parecia a abertura de uma porta para um lugar mais sombrio, mais cruel, mais *adulto*, e eu não sabia por que Aggie queria aquilo, mas se quisesse, então eu tinha que ficar. Aonde ela ia, eu ia atrás.

— Antes de comê-lo, temos que esfolá-lo. Vou curtir a pele para que possamos usá-la ou vendê-la, e depois comeremos cada parte da carcaça para que não haja...?

— Desperdício — respondemos.

— E por que isso é importante?

— O desperdício é o verdadeiro inimigo do planeta — dissemos.

— Vai logo, pai — queixou-se Aggie.

— Certo, primeiro cortamos da garganta à barriga.

A ponta da faca encostou no pelo da garganta do coelho, e eu soube que havia cometido um erro. Antes que eu pudesse fechar os olhos, a faca abriu minha garganta e, em um movimento ágil e certo, rasgou minha pele até a barriga.

Desabei no chão, dilacerada, jorrando sangue. Parecia tão real que tive certeza de que havia sangue, eu gritava sem parar. Papai começou a gritar também, a faca caiu, Aggie se abaixou e me abraçou com força. Seu batimento cardíaco acalmou o meu. Seus dedos tamborilavam minhas costas. E, em seus braços finos, eu me recompus. Ilesa, sem sangue, sem qualquer ferimento.

Eu sempre soube que havia algo de diferente em mim, mas, naquele dia, pela primeira vez, reconheci também algo perigoso. Ao sair do galpão em direção ao lusco-fusco do entardecer e encarar as árvores circunjacentes, eu vi meu primeiro lobo. E ele me viu.



Agora, em uma parte diferente do mundo, a escuridão impera e a respiração deles preenche o ambiente. O cheiro mudou. Ainda quente e terroso, porém mais almiscarado, o que significa que há medo e que um deles está acordado.

Os olhos âmbar refletem a escassa luz.

Calma, peço-lhe, sem dizer uma única palavra.

Ela é o lobo Número Seis, a mãe, e me observa de sua jaula de metal. Sua pelagem é clara como o céu invernal. Suas patas nunca haviam sentido o aço. Eu a pouparia disso se pudesse. A sensação é desagradável. O instinto me diz para tentar acalmá-la com palavras doces ou um toque carinhoso, mas a minha presença é o que mais a assusta, então a deixo em paz.

Passo delicadamente pelas outras jaulas até chegar à parte traseira da carroceteria. As dobradiças da porta rangem para que eu possa sair. Minhas botas tocam o chão com um ruído crepitante. Este local à noite é um mundo misterioso. Um manto de neve cobre a lua, espelhando seu brilho. Árvores secas folheadas a prata. Minha expiração forma pequenas nuvens.

Bato na janela do motorista para acordar os outros, que dormem na cabine do caminhão. Eles me encaram com os olhos pesados de sono. Evan está enrolado em um cobertor; posso sentir a ponta áspera do tecido roçando meu pescoço.

— Seis está acordada — aviso, e eles sabem o que significa.

— Isso não vai dar certo — alerta Evan.

— Eles não vão descobrir — replico.

— Annie vai enlouquecer, Inti.

— Dane-se a Anne.

Haveria imprensa, oficiais do governo, chefes de departamentos e guardas armados. Seria um alarde. Em vez disso, estamos paralisados por uma petição de última hora, destinada a nos atrasar até que o estresse da jornada prolongada mate nossos animais. Nossos inimigos querem que os mantenhamos enjaulados até que seus corações cedam. Mas não permitirei. Somos quatro — três biólogos e uma veterinária —, sob a luz do luar, esgueirando-nos pela floresta com nossa preciosa carga. Silenciosos e discretos. Sem autorização. Do jeito que deveria ter começado.

Como não há mais estrada para o caminhão, estamos a pé. Levantamos a jaula da Número Seis primeiro. Niels e eu segurando a parte de trás, enquanto Evan, que é corpulento, segura a parte da frente sozinho. Amelia, nossa

veterinária e a única habitante local entre nós, ficará para vigiar as outras duas jaulas. Dá pouco mais de 1,5km até o cercado, e a neve é espessa. O único som que Seis emite é um arquejo sutil indicando sua angústia.

Um mergulhão-do-norte solta seu canto característico e adorável.

Pergunto-me se isso a comove, aquele canto solitário no meio da noite, um lembrete de seu uivo ancestral. Se for este o caso, ela não demonstra qualquer indício que eu possa compreender.

O caminho dura uma eternidade, mas, após um tempo, consigo enxergar a cerca de arame. Colocamos a jaula da Seis dentro do cercado e retornamos para buscar os outros dois animais. Não gosto de deixá-la desprotegida, mas poucas pessoas sabem exatamente onde na floresta ficam os cercados.

Em seguida, carregamos o lobo Número Nove. Esse macho é uma criatura enorme, o que torna a segunda caminhada ainda mais difícil do que a primeira, mas, pelo menos, ele ainda está dormindo. O terceiro lobo, filha de Seis, é a Número Treze, uma fêmea com cerca de um ano, mais leve do que qualquer um dos adultos. Amelia nos acompanha nessa última jornada. Ao colocarmos a jaula da Treze no cercado, já é quase madrugada e sinto o peso do cansaço, mas também estou agitada e preocupada. A fêmea Número Seis e o macho Número Nove não se conhecem. Eles não vieram da mesma alcateia. Mas os colocamos juntos na esperança de que se afeiçoem. Precisamos de casais reprodutores para que nosso esforço dê certo.

Também é provável que eles se matem.

Abrimos as três jaulas e saímos do cercado.

Seis, o único lobo consciente, não se move. Não até recuarmos o máximo possível sem perdê-los de vista. Ela não gosta do nosso cheiro. Logo vemos seu corpo ágil se levantar e ir em direção à neve. Ela é quase tão branca quanto o solo sobre o qual caminha com delicadeza, destacando-se na escuridão. Alguns segundos se passam enquanto ela levanta o focinho para cheirar o ar, talvez percebendo sua coleira de couro com radiotransmissor. Então, em vez de explorar o novo mundo, ela corre rapidamente para a jaula da filha e se deita ao lado dela.

A cena desperta algo em mim, algo acolhedor e frágil que passei a temer. Há perigo aqui.

— Vamos chamá-la de Ash — sugere Evan.

A alvorada transforma o mundo cinza em dourado e, à medida que o sol nasce, os outros dois animais despertam de seu sono induzido. Todos os três lobos emergem das jaulas e preenchem seu único espaço de floresta cintilante.

Por enquanto, é tudo o que podem ter, mas não é suficiente. Eu gostaria que a cerca não fosse necessária.

Voltando para o caminhão, anuncio:

— Sem nomes. Ela é a Número Seis.

Não muito tempo atrás, quando a situação ainda não havia chegado a este ponto, esta floresta não era pequena e escassa, e, sim, robusta e cheia de vida. Exuberante, com sorveiras, álamos, bétulas, zimbros e carvalhos, estendia-se por uma ampla faixa de terra, colorindo os morros agora áridos da Escócia, fornecendo alimento e abrigo para todos os tipos de criaturas indomáveis.

E, em meio a essas raízes, troncos e copas, corriam os lobos.

Hoje, os lobos voltam a caminhar sobre este terreno, que não vê sua espécie há centenas de anos. Será que algo em seus corpos se lembra desta terra como ela se lembra deles? Ela os conhece bem e esteve esperando que eles a acordassem de seu longo torpor.

Passamos o dia todo carregando os lobos restantes para seus cercados e, ao cair da noite, voltamos ao acampamento do projeto, uma pequena cabana de pedra no limite da floresta. Na cozinha, os outros bebem espumante para comemorar a soltura de todos os quatorze lobos-cinzentos em seus três cercados de aclimação. Mas nossos lobos ainda não estão livres, o experimento mal começou. Sento-me em frente aos monitores do computador e observo as imagens das câmeras nos cercados, me perguntando se eles gostaram desse novo lar. Uma floresta não muito distinta daquela de onde vieram, na Colúmbia Britânica, embora temperada em vez de boreal. Eu também vim daquela floresta e sei que o cheiro, o som, a aparência e a sensação serão diferentes. Porém se há algo que conheço sobre os lobos, é que eles se adaptam. Prendo a respiração enquanto o grande lobo Número Nove se aproxima da delicada Número Seis e sua filha. Na parte de trás do cercado, as fêmeas cavaram um buraco na neve, onde no momento se mantêm agachadas, cautelosas com o avanço de Nove. Imponente, em seus tons de branco, cinza e preto, ele é o lobo mais magnífico que já vi. Nove posiciona a cabeça sobre o pescoço de Seis, em um sinal de dominação, e sinto, com intensa vivacidade, seu focinho pressionar a minha nuca. Seu pelo macio faz cócegas na minha pele, o calor de sua respiração provoca arrepios no meu corpo. Número Seis choraminga, mas permanece abaixada, demonstrando sua submissão. Eu não me movo; qualquer indício de resistência e essa mandíbula abocanhará minha garganta. Ele a mordisca na orelha e os dentes perfuram meu lóbulo, compelindo-me a fechar os olhos. No escuro, a

dor desaparece quase tão rapidamente quanto surgiu. Retorno ao meu ser. E, quando os observo de novo, Nove voltou a ignorar as fêmeas, andando de um lado para o outro junto à cerca. Se eu continuar a observá-lo, a cada um de seus passos, sentirei o frio da neve em meus pés, mas não, já estou perto demais, minhas sensações já não são somente as minhas. Então, desvio o olhar para o teto escuro da cabana, tentando desacelerar meu coração.

Eu sou diferente da maioria das pessoas. Vivo de forma distinta, com uma compreensão inteiramente única do toque. Eu a conheci antes mesmo de descobrir seu nome. É considerada uma condição neurológica. Sinestesia espelho-toque. Meu cérebro recria as experiências sensoriais de criaturas vivas, de todas as pessoas e às vezes até de animais. Se eu vejo, eu sinto e, por um instante, sou o outro, nos fundimos e eu experimento a dor ou o prazer alheio. Pode parecer mágica e por muito tempo achei que fosse, mas, na verdade, não está tão distante de como outros cérebros se comportam: a reação fisiológica ao testemunhar a dor de alguém é um retraimento, um recuo, um tremor. Somos predispostos à empatia. Houve uma época em que vivenciar as sensações alheias me agradava. Agora, o fluxo constante de informações sensoriais me exaure. Agora, eu daria tudo para ser livre.

Este projeto não vai funcionar se eu não me dissociar dos lobos. Se eu me perder neles, não sobreviverei. O mundo é um lugar perigoso para os lobos. A maioria deles morrerá em breve.



Quando confiro o relógio, já é meia-noite. Fiquei observando os lobos dormirem ou caminharem, esperando, em vão, que uivassem, que um deles comesasse e o resto acompanhasse. Mas os lobos não uivam quando estão estressados. A cabana é composta por uma sala principal, na qual guardamos todos os monitores e equipamentos, uma cozinha adjacente e um banheiro nos fundos. Do lado de fora, há um estábulo que abriga três cavalos. Evan e Niels voltaram para suas casas alugadas na cidade mais próxima — estou tão cansada que nem me lembro de ter me despedido deles —, e Zoe, nossa analista de dados, dorme no sofá. Eu deveria ter saído horas atrás, então crio coragem e visto minhas roupas de frio.

O vento está cortante. Dirijo pela floresta e entro em uma estrada sinuosa, alguns quilômetros a noroeste de Cairngorms, guiada apenas pelos estreitos feixes dos faróis. Nunca gostei de dirigir à noite, pois o mundo vicejante parece se tornar vazio, abissal. Se eu parasse e optasse por caminhar, seria um

mundo completamente diferente, repleto de vida pulsante, olhos pestanejantes e reluzentes, e patas inquietas tateando pela relva. Pego uma estrada menor e tortuosa, que me conduz até o vale onde está localizado o Chalé Azul. Feito de pedras azul-acinzentadas e circundado por pastos verdejantes, durante o dia oferece duas paisagens: ao sul, uma floresta densa e convidativa, e ao norte, grandes morros áridos que na primavera ficam tomados de veados-vermelhos.

As luzes estão apagadas, mas a lareira resplandece em tons de laranja. Tiro minhas roupas de frio, peça por peça, e atravesso a pequena sala até chegar em um quarto que não é meu. Ela está imóvel na cama, uma figura na escuridão. Deito-me ao seu lado; se a acordei, ela não demonstra qualquer indício. Conforto-me em seu cheiro, até hoje inalterado, mesmo que ela tenha se desfeito. Meus dedos se entrelaçam em seus cabelos claros e me permito adormecer, agora segura no território de minha irmã, que sempre esteve destinada a ser a mais forte de nós.

Amostra





2

Com calma, ele diz.

Suas mãozinhas estão segurando firme as rédeas. Ela é muito pequena, tão pequena que com certeza será arremessada.

Com calma.

Ele a acalma, com uma mão em suas costas.

Sinta-o. Sinta o coração dele bater junto com o seu.

Há pouco tempo, este garanhão era livre e parte dele permanece assim, mas, quando ela o monta, com calma, como papai diz, ele amansa.

Estou empoleirada na cerca, com uma perna de cada lado, observando. Sinto a madeira áspera sob minhas mãos, uma farpa sob minha unha. E também estou montada nesse garanhão, eu sou minha irmã, pressionando o corpo quente dessa criatura trépida e poderosa, com a mão grande e firme de papai me segurando. Também sou a mão do meu pai e sou o garanhão, sou a carga leve que carrega e o metal frio do bridão em sua boca.

Todas as criaturas conhecem o amor, diz papai. Vejo Aggie envolver suas pernas em torno do animal em um misto de suavidade e força. Ela não será arremessada.

Mas a cabeça do cavalo se ergue no lusco-fusco rosado do entardecer; ele sente um cheiro trazido pelo vento e bate a pata dianteira contra o chão. Eu troco de posição na cerca para examinar a floresta circundante.

Calma, afirma papai, tranquilizando a sua filha e o garanhão. Mas acho que é tarde demais. Porque eu vi. Em meio às árvores, observando. Dois olhos estáticos.

Nossos olhares se cruzam e, por um momento, eu sou o lobo.

Atrás de mim, o cavalo empina, derrubando minha irmã.

Desorientada, desperto do meu sonho. É um sonho recorrente e também uma lembrança. Por alguns instantes, escolho o calor e conforto da cama, mas é

preciso começar o dia. A luz do sol já entra pela janela e tenho que acordar minha irmã.

— Bom dia, meu amor — murmuro, tirando o cabelo de Aggie de seu rosto e cuidadosamente a ajudando a se levantar.

Eu a conduzo até o banheiro, e ela me deixa despi-la e sentá-la na banheira.

— Está fazendo sol — digo. — Então é melhor já lavarmos esse cabelo caso você queira secá-lo ao sol.

Ela adora fazer isso, tanto quanto adora qualquer coisa, mas sabemos que minhas palavras são em vão: eu sei que Aggie não sairá hoje.

— Os lobos estão em seus cercados. Eles sobreviveram à jornada — declaro, enquanto massajeio seu couro cabeludo com shampoo. — Eles vão sentir saudade de casa.

Ela não responde. É um de seus dias ruins, o que significa que posso prosseguir meu monólogo enquanto ela mantém seu olhar apático em algum ponto além de minha visão. Ainda assim, vou continuar falando, caso minhas palavras a alcancem.

O cabelo de Aggie é espesso, comprido e claro, como o meu. Enquanto passo o condicionador e tento desembaraçar os fios emaranhados, eu me pergunto se deveria ter acatado sua opinião de que seria melhor cortá-lo. Para ela, hoje em dia tanto faz. Apesar do esforço exigido, não consigo me livrar dele, esse cabelo que sempre foi marcante, esse cabelo que passei a vida escovando, trançando e aparando.

— Se não os tivéssemos trazido para o outro lado do oceano, talvez eles conseguissem sozinhos.

Ajudo Aggie a sair da banheira e a seco, depois a visto com roupas quentes e confortáveis e a coloco em frente à lareira enquanto faço o café da manhã.

— Seis e Nove ainda não se apaixonaram — digo. — Mas também não se mataram.

A naturalidade de minhas palavras me assusta. É essa a essência do amor? O risco iminente da morte?

Mas as palavras não impactam Aggie, ela está distante demais para ser alcançada. Desejo segui-la para onde quer que tenha ido, mas temo esse lugar mais do que tudo. Também temo o dia em que ela não retorne.

Ela não come os ovos que deixo ao seu lado, cansada demais, exausta demais para fazer qualquer coisa. Escovo seu cabelo molhado lentamente, com delicadeza, e continuo a falar sobre os lobos, pois são tudo o que me resta além da raiva.

O Chalé Azul não é longe do acampamento do projeto. Ambos ficam à beira da floresta de Abernethy, uma das últimas remanescentes da antiga floresta da Caledônia, oriunda da Era do Gelo. Estas árvores antigas pertencem a uma ininterrupta cadeia evolutiva de 9 mil anos e, em meio a elas, está o cercado mais próximo, aquele que abriga os lobos Seis, Nove e Treze. Se eles conseguirem formar uma alcateia, o grupo receberá o nome de seu novo lar: Abernethy. Há poucas casas por aqui, mas, pela paisagem, estendem-se os pastos verdejantes das várias fazendas de ovelhas que nos separam da cidade mais próxima. Este não é o lugar que eu teria escolhido para uma nova alcateia. Porém, nas Terras Altas, é raro encontrar um local sem ovelhas e, de qualquer forma, os lobos se deslocarão. Só espero que prefiram o abrigo da floresta. Para além desse trecho de pinheiros invernais, erguem-se as montanhas Cairngorm e, segundo me disseram, lá é o coração selvagem das Terras Altas, onde não há ovelhas nem estradas. Talvez seja o lugar preferido dos lobos.

O aquecedor do carro está no máximo e a estrada, escorregadia. Uma leve nevasca começou, dando forma a delicados espirais rendados. O caminho é lindo. Este é um país grande com morros acentuados, fios sinuosos congelados e faixas de floresta densa.

Quando o cavalo preto surge à minha frente, a princípio penso se tratar da minha imaginação. Seu rabo é como o rastro escuro de um cometa. Meu pé afunda nos freios e o carro derrapa, rodopiando até parar no meio da estrada, a tempo de eu ver o cavalo sumir entre as árvores.

Ao chegar no acostamento, sinto um aperto no peito.

Uma caminhonete para ao meu lado.

— Você está bem? — pergunta o motorista pela fresta da janela.

Demonstro que sim.

— Você viu um cavalo por aí?

Eu aponto na direção em que o cavalo correu.

— Ah, droga — resmunga o motorista.

Então, para meu espanto, a caminhonete imediatamente sai da estrada em busca do cavalo. Fico chocada enquanto a observo deslizar pela neve. Verifico o relógio e desço do carro, seguindo as marcas dos pneus. Não é difícil. Há rastros ao longo de todo o caminho.

A nevasca piora. O mundo está desabando ao meu redor. Estou com pressa, atrasada para o trabalho; mesmo assim continuo. Olho para o céu. Flocos de neve pousam em meus lábios e cílios. Minha mão alcança a fria casca branca de uma bétula. A memória de 40 mil álamos-trêmulos respirando ao meu

redor, seu volumoso dossel amarelo-canário é tão vívido quanto a voz dele em meu ouvido. *Está morrendo. Nós o estamos matando.*

Um grito ecoa de algum lugar distante.

Deixo a memória escapar e começo a correr. Passo pela caminhonete e sigo pela neve espessa, marcada apenas pelas pegadas do homem e pelos cascos frenéticos de um cavalo. Estou suando quando chego ao rio — uma faixa estreita de gelo entre encostas íngremes.

À frente, identifico uma figura humana. Abaixo, no gelo, está o cavalo.

Mesmo dessa distância, sinto o frio sob seus cascos. Um frio cortante. O homem é alto, mas não consigo distinguir o formato de seu corpo sob suas camadas de roupa. Seu cabelo é curto, escuro como sua barba. Há um collie preto e branco sentado calmamente ao lado dele. O homem olha para mim.

— Você sabe que esta é uma reserva natural? — interpele.

Ele franze o cenho, intrigado. Aponto para a caminhonete e para o dano que causou pelo trajeto.

— Você não se importa de infringir a lei?

Ele me examina e sorri.

— Você pode me denunciar depois que eu lidar com o cavalo. — Seu sotaque escocês é acentuado.

Nós observamos o animal no gelo. É uma égua. Ela não está conseguindo apoiar uma das pernas dianteiras.

— O que você está esperando? — questiono.

— Tenho uma perna ruim. Se eu for lá, não conseguirei voltar. E esse gelo logo vai ceder.

Há pequenas rachaduras na superfície, que se expandem conforme o animal se mexe.

— É melhor eu pegar minha espingarda na caminhonete.

A égua relincha, balançando a cabeça. A única característica que desto de sua pelagem escura é uma mancha branca entre seus olhos arregalados e furtivos. Pelo movimento rápido de seu abdômen, percebo sua respiração ofegante.

— Como ela se chama? — pergunto.

— Não faço ideia.

— Não é sua?

Ele revela que não.

Começo a descer pela encosta.

— Pare — diz ele —, não vou conseguir te tirar de lá.

Meus olhos fixam na égua enquanto deslizo. Minhas botas alcançam o gelo e me desloco devagar, atenta às rachaduras. Por enquanto, o gelo se mantém estável, mas há camadas finas o bastante para enxergar o fluxo de água. Seria fácil dar um passo em falso, romper a camada de gelo e afundar silenciosamente. Visualizo meu corpo sendo arrastado pela correnteza até desaparecer nas profundezas.

A égua. Ela está me observando.

— Olá — digo, fitando seus profundos olhos reluzentes.

Ela balança a cabeça e bate a pata dianteira; é arisca e desafiante. Eu me aproximo, e ela recua, seus cascos atingem o gelo, emitindo um estalo. Pergunto-me se ela sabe que sua fúria irá matá-la, se está contente com isso, se prefere desaparecer em vez de voltar para o que a fez fugir — para bridão, rédea e sela. Alguns cavalos não nasceram para serem montados.

Eu me agacho na tentativa de parecer menos ameaçadora. Ela não empina, mantendo os olhos em mim.

— Você tem alguma corda na caminhonete? — pergunto ao homem, sem me virar para ele.

Eu o ouço se afastar para buscar a corda.

A égua e eu esperamos. *Qual é o seu nome?*, indago silenciosamente. Ela é um animal forte e, suponho, recém-machucado. Faz muito tempo que não ando a cavalo e já não sou mais a mesma. Eu a deixo me observar, imaginando o que ela pensará de mim.

O homem volta com a corda e a arremessa para mim. Enquanto faço o antigo nó familiar que sei de cor, não tiro os olhos da égua. Mantenho-a tranquila e me levanto. Com um movimento rápido, jogo o laço por cima de sua cabeça e o fecho em volta de seu pescoço. Ela empina, furiosa. O gelo vai rachar, tenho certeza. Seguro a corda, leve o bastante para permitir que corra entre meus dedos, mas firme o suficiente para impedir que a égua fuja. Quando ela aterrissa, impeço-a de empinar novamente. Puxo a corda, forçando-a a baixar a cabeça, e me aproximo para levantar sua perna dianteira. Meu gesto faz com que a égua dobre a outra perna dianteira e, quase com alívio, deite-se no gelo e incline-se para o lado. Pressiono meu corpo contra o seu, acariciando sua testa e seu pescoço, sussurrando para ela. *Boa menina*. Seu coração está disparado. Posso sentir a corda em volta do meu próprio pescoço.

— O gelo — diz o homem, pois agora há inúmeras rachaduras na superfície.

Quando a égua parece pronta, coloco uma perna sobre suas costas, aperto-a entre os meus joelhos e estalo os lábios para que ela se levante. Ela obedece,

e subo nela por completo, posicionando minha outra perna e firmando meus joelhos. A corda ainda está em seu pescoço, mas não preciso mais usá-la. Agarro sua crina e a conduzo à encosta íngreme enquanto o gelo estremece abaixo de nós. *Isso vai doer*, informo-a, mas ela pula na margem, inclinando meu corpo para trás com o impulso. Atenta, acompanho seus movimentos com as pernas firmes o bastante para não cair. A égua se esforça na subida, seus cascos buscam apoio e o chão lhe concede. Encosta acima, a adrenalina que corre em suas veias arde dentro de mim. Atrás de nós, o gelo sucumbe.

Mais uma vez, pressiono meu corpo contra o dela. *Boa menina. Corajosa.* A égua se acalma, mas não sei por quanto tempo. Ela não consegue apoiar a perna machucada. Sua fuga pode ter lhe causado uma lesão permanente. Desço e passo a corda para o homem. É áspera, ele sente em sua mão, eu sinto na minha.

— Seja gentil — peço-lhe.

— Muito obrigado — diz ele. — Você é uma amazona?

Retorço os lábios.

— Não.

— Você a levaria para casa? Ela é da fazenda Burns, não fica muito longe.

— Por que você veio buscá-la se ela não é sua?

— Acabei de conhecê-la, assim como você.

Eu o analiso.

— A perna está machucada. A égua não deve ser montada.

— Então vou conseguir um reboque para transportá-la. Você não é daqui?

— Acabei de me mudar para cá.

— Onde você mora? — pergunta o homem, e fico imaginando se ele é uma daquelas pessoas que fazem questão de conhecer todo mundo nos arredores. Ele tem sobrancelhas grossas e um olhar enigmático. Não consigo decidir se o acho bonito, mas algo nele é inquietante. — O que te trouxe até aqui?

Dou-lhe as costas para ir embora.

— Você precisa conseguir um reboque.

— É você que trabalha com os lobos? — questiona ele, e eu paro no meio do caminho. — Disseram que uma moça australiana chegaria por aqui. Como isso aconteceu? Não há coalas suficientes para você abraçar?

— Na verdade, não há — respondo —, a maioria morreu em incêndios florestais.

— Ah.

Minha resposta o deixou sem palavras.

Depois de uns instantes, ele pergunta:

— Os lobos já estão livres?

— Ainda não. Mas logo estarão.

— Vou alertar os moradores para trancarem suas esposas e filhas. Os grandes lobos maus estão chegando.

Eu o encaro.

— Se eu fosse você, estaria mais preocupado com a possibilidade de as esposas e filhas saírem para correr com os lobos.

Ele me olha, surpreso. Dou meia-volta e sigo em direção ao meu carro.

— Da próxima vez que for seguir um animal, chame alguém capacitado em vez de destruir a reserva natural com sua caminhonete.

Idiota.

Eu o ouço rir.

— Sim, senhora.

Quando olho para trás, concentro-me na égua. *Adeus, digo. Sinto muito.* Sua perna machucada lhe concederá um outro tipo de liberdade.



3

Pelos primeiros dezesseis anos de nossas vidas, Aggie e eu passávamos dois meses de cada ano visitando nosso pai em sua floresta. Nosso verdadeiro lar, onde pertencíamos. Uma paisagem que fazia sentido para mim. Quando criança, eu acreditava que as árvores desta floresta faziam parte da nossa família. Os primeiros galhos das mais altas e largas começavam bem longe do solo: era assim que sabíamos sua idade. Os cedros-vermelhos tinham listras, sulcos praticamente verticais em sua casca por quase toda sua extensão; fora isso eram lisos e seus tons cinzentos tornavam-se prateados sob a luz do entardecer que penetrava das copas acima. São elegantes, os cedros, com suas folhas que parecem samambaias. As cicutas eram diferentes, mais escuras, terrosas, com seus padrões retorcidos em sua casca grossa. Ambos salpicados de musgos, como pinturas, tão verdes que pareciam ser fluorescentes. Havia muitas outras árvores também, pequeninas, enroladas ao redor das maiores, estas eram mais jovens, talvez adolescentes, e indisciplinadas. Algumas serpenteavam seus galhos sobre o solo para nos fazer tropeçar, estas eram atrevidas, enquanto algumas eram frondosas e grossas, outras ralas e esguias. Não havia sequer uma igual; eram únicas, estranhas e variadas, mas todas tinham uma coisa em comum: elas falavam.

— A floresta tem um coração vivo que não podemos enxergar — papai nos disse uma vez. Ele estava deitado, todo esticado, sobre a terra, e nós o copiamos, colocando as mãos no solo quente e nossos ouvidos sobre a vegetação rasteira, escutando.

— É aqui, logo abaixo de nós. É assim que as árvores conversam e cuidam umas das outras. Suas raízes se emaranham, dezenas de árvores com outras dezenas, em uma rede que se estende ao infinito. Elas sussurram umas com as outras por meio das raízes. Avisam sobre perigos e dividem seu sustento. São como nós, uma família. Fortes juntas. Nada é capaz de passar pela vida sozinho. — Ele sorriu, então, e perguntou: — Conseguem escutar os batimentos?

E ouvíamos, de alguma forma, conseguíamos ouvir.

No dia em que completamos 10 anos, papai nos guiou a um lugar onde nunca estivemos antes. Havíamos acampado nestas matas a vida toda, mas ele nunca nos levava tão longe. Por cinco noites, dormirmos aqui fora, em meio ao verde; por cinco dias, caminhamos. Aggie gostava de esperar pelo silêncio profundo e então gritar algo tão alto que chocava o mundo. Eu apreciava mais o silêncio.

Papai carregava consigo a obra *Nomenclatura de Cores*, escrito por Werner, para todo lugar. Ele acreditava que era um livro para a vida toda. Aggie e eu dividíamos turnos inclinadas sobre as páginas, correndo os dedos sobre os pequenos quadrados de cores e suas descrições, decorando seus nomes. Para cada matiz havia um animal de tal cor, além de um vegetal e um mineral. Era, meu pai sempre dizia com orgulho, o mesmo livro que Charles Darwin usara para descrever as cores da natureza durante sua viagem no HMS *Beagle*. Sempre me fascinou como “vermelho-carne”, que aos meus olhos parecia um rosa pálido e amarronzado, era a cor não apenas do calcário e das flores do delfino, como também de alguns tons de pele humana. Ou que “azul da Prússia” coloria o ponto mais lindo da asa de um marreco-selvagem, o estame de uma anêmona roxo-azulada e o profundo azul do minério de cobre.

— Este livro conecta tudo — nos disse papai. — Equipara tudo, somos todos iguais, só em tons diferentes. Ele nos torna parte da natureza.

Mas papai estava quieto naquele dia, e nós o seguimos de perto até que, em vez de caminhar por um morro e entrar em outro trecho de floresta fechada, nós adentramos um vale deserto. O solo abaixo de nossos pés havia sido vasculhado, cada árvore derrubada e arrastada.

— O que houve aqui? — perguntou Aggie, mas papai fitou em silêncio, absorveu a cena e seu rosto envelheceu. Seus olhos recaíram sobre algo a distância. Difícil não ver. Uma árvore solitária, a mais imponente que eu já havia visto. Um assombroso abeto-de-douglas, esticando-se na direção do céu, pelo menos oitenta por cento de seu tronco despido de seus galhos. Permanecia firme em meio aos destroços.

Papai liderou o caminho pelo vale até a árvore, que parecia maior a cada passo. Deitada com as costas no chão, eu observei as folhas distantes dançarem pelo céu.

Então papai nos contou uma história.

— Eu nem sempre fui o homem que conhecem — começou. — Há muito tempo, muito antes de vocês duas nascerem, eu era um lenhador.

Ele nos contou sobre suas caminhadas pela floresta, semelhantes às trilhas que faz hoje em dia e, ao mesmo tempo, tão diferentes. Era parte do seu trabalho mostrar aos seus colegas quais árvores derrubar e quais deixar, usando uma fita colorida reluzente para marcar as árvores e o valor de sua madeira. Uma vez feita sua parte, os madeireiros vinham e começavam a usar suas motosserras, e um espaço antes vivo quando ele entrou seria deixado arrasado e sem vida.

Um dia, ele caminhou por esta terra. Parecia diferente naquele tempo. Ele veio pelo rio que cruzamos pela manhã, calculando as distâncias e marcando suas árvores. Até chegar nessa. Esse abeto-de-douglas, a árvore que mudaria sua vida.

Soube, logo de cara, que era especial. Mais larga do que qualquer árvore com a qual já cruzara, valeria uma fortuna. Ele a marcou de vermelho e seguiu em diante.

Seu olhar retornou para ela, de novo e de novo, ao longo do dia. Sentiu algo se retorcer dentro de si. Alexander Flynn, aos 25 anos, agarrou sua fita verde e marcou a árvore uma segunda vez, dessa vez para “manter”. E assim sua carreira chegou ao fim.

— Eu saí do serviço naquele dia e nunca mais voltei — disse papai. — Já era tarde. Tarde demais. — Seu olhar percorreu os tocos. — É uma espécie ameaçada agora. Noventa e cinco por cento dos abeto-de-douglas mais antigos foram derrubados. O que torna este o último de sua espécie.

— Não está solitário? — perguntei, sentindo a dor das raízes que deviam estar em busca de algo ao qual se agarrar.

— Sim — respondeu papai. Então descansou sua testa sobre a majestosa árvore e fez algo que Aggie e eu nunca o vimos fazer, não antes daquele dia nem depois: ele chorou.

Foi uma longa jornada de Vancouver a Sydney, e Aggie e eu a conhecíamos bem. Uma longa jornada deixando o pai madeireiro, que virou naturalista da floresta remanescente, para encontrar a mãe, uma corajosa detetive presa à cidade. A vida com mamãe era um mundo bem diferente. Mas mesmo após retornar para o lar, um prédio residencial de concreto, em meio a praias desertas e sem árvores com suas marés revoltas, eu ainda sonhava com o solitário abeto-de-douglas e acordava com a certeza de que suas raízes eram minhas, estendendo-se sem encontrar nada, nem mesmo as de Aggie.

Mamãe não nos perguntou como foi a viagem, ela nunca perguntava. Na verdade, nunca nos perguntava nada. Normalmente era eu quem questionava, querendo saber mais. Nenhuma resposta era o suficiente, eu era um papagaio que aprendera a falar “por quê?” apenas para deixar minha mãe louca, como ela costumava dizer.

A maioria das minhas preocupações era com meus pais e como eu nunca os via no mesmo cômodo, que dirá *juntos*, juntos. *Por que você e papai moram tão longe um do outro?* “Alguém precisa manter as empresas aéreas funcionando”, ela dizia, ou algo parecido. Então eu perguntava: *Onde se conheceram?* “No Canadá.” *Por que você estava no Canadá?* “Porque, às vezes, as pessoas vão a outros países, Inti.” *Quantos anos você tinha?* “Não me lembro.” *Você se apaixonou?* “Quando se é adulto, essa palavra tem um significado diferente.” *Ele ficou feliz quando você engravidou?* “Eu nunca o vi mais feliz.” *E você?* “O que você acha, doidinha?” *Então por que terminaram?* “Porque eu queria uma carreira e ele não queria deixar a floresta.” *Por quê?* “Por que o quê?” *Por que ele não queria sair?* “Eu não sei, Inti, é algo que nunca vou entender”, mamãe dizia, e então fingia me amordaçar, o que fazia nós duas cairmos na risada e esse era o fim do interrogatório do dia.

Após a última visita a papai, quando os pesadelos sobre árvores mortas ocorriam havia algum tempo, ela me chamou em seu escritório — isso foi inusitado o suficiente para me deixar nervosa. O escritório da mamãe era um lugar de pessoas feridas, sangue e morte. Não tão diferente do galpão de papai. Nós não tínhamos permissão de entrar ali.

— Sente-se aqui — ela disse, puxando uma segunda cadeira ao seu lado à mesa. Eu me sentei, observando uma fresta na porta, por onde Aggie bisbilhotava. — O que vocês fizeram com papai dessa vez? — perguntou mamãe.

— Só acampamos, esse tipo de coisa.

— O que as perturbou tanto?

Eu pensei sobre a questão.

— Há tantas árvores cortadas.

Ela estudou meu rosto por uma eternidade.

— Inti — disse com clareza —, você precisa ser mais forte.

Meu rosto corou.

Mamãe acariciou meu cabelo uma vez, colocou-me sobre seu colo com seus braços fortes. Na mesa, havia pastas de abas dobráveis. Dentro, fotografias. Mulheres de rostos sorridentes.

— Estas — mamãe contou — são mulheres que foram assassinadas este mês por seus maridos ou namorados.

Eu não entendi.

— Acontece uma vez por semana na Austrália.

— Por quê?

— Eu não sei. O que sei é que se preocupar com árvores não é um bom jeito de gastar sua energia. Preocupe-se com isso. Outras pessoas. Sua sinestesia espelho-toque a torna vulnerável; além disso, você é muito gentil, Inti. Se não tiver cuidado, se não for *vigilante*, alguém vai machucá-la. Entendeu?

Ela tirou um canivete da gaveta da mesa. Seu cassetete e Taser estavam na mesma gaveta, mas sua arma ficava no trabalho. Eu nunca a vi atirando, mas Aggie costumava desenhá-la com a arma o tempo todo e perguntava sobre isso constantemente.

Mamãe abriu a lâmina com um movimento, e, sem aviso, cortou seu dedo indicador.

Eu gritei de dor e agarrei meu dedo com força, tentando conter o sangue. Exceto que não havia nenhum e eu sabia que não haveria, mas ainda assim me enganava, toda vez.

Aggie irrompeu para dentro do cômodo, gritando.

— Não!

— Calma, Aggie — disse mamãe. — Ela está bem. Abra os olhos — mamãe me falou, e, então, enquanto eu observava, ela cortou um segundo dedo, que também era o meu, depois um terceiro, quarto e quinto. Eu estava chorando quando ela disse: — Essa dor não é sua. Não lhe pertence. Quando as células de seu cérebro disserem o contrário, estarão mentindo. Então você deve criar uma defesa.

— Eu serei a defesa dela — disse Aggie.

— Eu sei disso, mas nem sempre estarão juntas. Ela precisa se defender sozinha.

Aggie e eu nos encaramos e, mutualmente, desdenhamos desse comentário.

— Como? — perguntei à mamãe.

— De qualquer forma que conseguir, porque as pessoas machucam umas às outras. Eu vejo isso todos os dias. Você precisa começar a se proteger. Eu vou me cortar até que você não sinta mais.

E assim ela fez.